

Figuras de linguagem III

Teoria

Figuras de repetição

Pleonasma



(Disponível em: <http://www.ivancabral.com/2016/05/charge-do-dia-pleonasma.html> Acesso em: 25/05/2021.)

Essa figura consiste em uma redundância, ou seja, uma repetição de ideias que, teoricamente, é desnecessária. No entanto, muitas vezes, é utilizada de maneira estilística. Veja alguns exemplos:

"O que é imortal não morre no final". (Sandy e Júnior.)

"Chove chuva. Chove sem parar." (Jorge Ben Jor.)

Atenção!

Cabe ainda destacar o pleonasma vicioso, que é uma repetição desnecessária de algum termo ou ideia na frase. Nesse caso, não se configura como uma figura de linguagem, mas sim como um vício de linguagem. É o caso, por exemplo, das expressões "subir para cima", "descer para baixo", "entrar para dentro", "sair para fora", entre outras.

Polissíndeto

Consiste no emprego repetitivo de conjunções coordenativas, especialmente as aditivas. É importante relacionar essa figura de linguagem a uma outra chamada **assíndeto**. Esta é estabelecida por um processo oposto, ou seja, pela omissão de conectivos coordenativos. **Veja os exemplos abaixo:**

"Falta-lhe o solo aos pés: recua **e** corre, vacila **e** grita, luta **e** ensanguenta, **e** rola, **e** tomba, **e** se espedaça, **e** morre." (Olavo Bilac)

"Vim, vi, venci." (Júlio César.)

Anáfora

Consiste na repetição de uma mesma palavra, ou várias, no começo de orações, períodos ou versos. Por exemplo:

Quando não tinha nada, eu quis
Quando tudo era ausência, esperei
Quando tive frio, tremi
Quando tive coragem, liguei"
(...)

(Chico César)

Dica!

Essa música é incrivelmente bonita. No vídeo a seguir, você encontra o autor falando sobre ela.



Nome do vídeo: A história de "À Primeira Vista".

Quiasmo

"Trocadilho". Consiste em uma estrutura na qual as palavras formam um "jogo cruzado" entre seus elementos.

Exemplo: Certas pessoas são como espelho: este reflete sem falar; aquelas falam sem refletir."

Figuras de apagamento

Elipse

Consiste na omissão de um termo ou de uma expressão que pode ser facilmente identificada pelo contexto. **Exemplo:**

- Dormi tarde ontem. (o pronome “**eu**” está omitido, mas pode ser identificado pela desinência do verbo);
- Fomos ao parque. (o pronome “**nós**” está omitido, mas pode ser identificado pela desinência verbal);
- Casa de ferreiro, espeto de pau. (**em** casa de ferreiro, **o** espeto **é** de pau).

Veja a charge de Laerte:



(Folha de S. Paulo, 02.06.20216. Adaptado.)

Na fala do homem, podemos perceber a elipse do verbo “**haver**”:
Garçon! (Há) Formigas na minha sopa!

Atenção!

Zeugma x elipse

A **zeugma** é uma figura de linguagem facilmente confundida com a elipse. No entanto, em provas de concurso, tal diferenciação não é frequentemente estabelecida. Mas vamos diferenciá-las para você! Enquanto a elipse consiste em uma omissão que pode ser subentendida pelo contexto da frase, a **zeugma**, por outro lado, é a supressão de um termo anteriormente expresso na frase. **Por exemplo:**

- João é muito estudioso e a sua irmã também é. (**estudiosa.**)
- Gabi ama séries, Thais, filmes. (o verbo “**ama**” foi suprimido.)

Assíndeto

Consiste na omissão de termos conjuntivos.

Exemplo: "Vim, vi, venci." (Júlio César)

Silepse

Consiste na concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com o seu sentido, ou seja, com as ideias que elas expressam. É importante destacar que a concordância siléptica não é considerada um erro em relação às normas gramaticais, visto que são estabelecidas com intenção estilística. No entanto, devem ser utilizadas com respaldo e em situações de comunicação específicas, por exemplo, em textos expressivos. Elas podem ser classificadas em:

- Gênero: **Vossa excelência** parece **chateado**.
- Número: O **grupo** não **gostou** da bronca, **reagiram** imediatamente.
- Pessoa: **Os brasileiros** somos lutadores.

Figuras de descontinuidade

Hipérbato

Consiste na inversão da ordem direta das palavras na oração – ou da ordem das orações no período –, com finalidade expressiva.

Você com certeza já ouviu falar do **Mestre Yoda**, personagem de “**Star Wars**” certo? Um dos maiores personagens da história! Ele é muito conhecido por conta da forma como fala: empregando **hipérbatos**. O fato de ele inverter os termos da oração, apesar de gerar certo estranhamento ao ouvinte, garante uma expressividade característica às suas falas. Veja uma cena clicando na imagem a seguir:



Cena do filme “Star Wars V - O Império Contra-ataca” (1980).

(Dirigido por Irvin Kershner. Direitos Autorais: Lucasfilm. 20th Century Fox.)

A ordem direta da oração é: **SUJEITO -> VERBO -> COMPLEMENTOS**. Se alteramos essa ordem, por exemplo, deslocando um adjunto adverbial, ou colocando o verbo antes do sujeito, estamos invertendo sintaticamente a ordem desses termos, o que chamamos, também, de hipérbato. Na ordem direta, a estrutura acima ficaria “Você tem muito a aprender ainda.”. **Veja outro exemplo:**

A instabilidade das cousas do mundo

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

[...]

Passando para a ordem direta:

O sol nasce, e não dura mais que um dia
A noite escura se segue depois da Luz
A formosura morre em tristes sombras
A alegria em contínuas tristezas.

(Gregório de Matos.)

Observação: Além do hipérbato, há um caso de **zeugma** no último verso da estrofe: o verbo “morrer” foi suprimido – “A alegria [morre] em contínuas tristezas.

Anacoluto

Interrupção de um modelo sintático, ficando sem complemento.

Exemplo: “Esta cidade danada de boa... boa de buraco, boa de mato... E acham que o povo é danado de bobo”.

Figuras de tensividade

Eufemismo



(Disponível em: <http://www.jornalistaaurelianoborgesmidia.com/2018/01/o-eufemismo-suaviza-relacao-entre-as.html/>)

O eufemismo a figura de linguagem que consiste na suavização de uma ideia, de um fato. A mídia, inclusive, muitas vezes, se utiliza dessa estratégia como forma de manipulação. **Exemplo:**

O governo procederá ao **reajuste** de taxas. (em vez de aumento.)

O cachorro da vizinha **virou estrelinha**. (em vez de morreu.)

Hipérbole

É a figura de linguagem que consiste em um exagero proposital. **Exemplo:**

Fazia séculos que não me ligava.

“Eu nasci há **10 mil anos atrás**

E não tem nada nesse mundo que eu não saiba de mais”

(Raul Seixas.)

Apóstrofe

Consiste em um recurso estilístico que interpela alguém – um “vocativo intempestivo” – em meio a uma construção.

Exemplo: “Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal”.

Gradação

Consiste em uma enumeração gradativa (que aumenta ou diminui pouco a pouco) dentro de uma mesma ideia.

Exemplo: De repente o problema se tornou **menos alarmante, ficou menor, um grão, um cisco, um quase nada**. (decrecente.)

“E até cantor pausou o show pra bater palma

Roubou **a cena, o capítulo**

E a **temporada inteira**

Mexendo, ela não é brincadeira”

(Baldin de gelo, Claudia Leite.)

Figuras de sonoridade

Assonância

Segue o mesmo princípio que a aliteração, mas nesse caso as repetições sonoras são de fonemas vocálicos idênticos ou semelhantes.

Exemplo:

“(...) A linha feminina é carimá
Moqueca, pititinga, caruru
Mingau de puba, e vinho de caju
Pisado num pilão de Piraguá.(...)”

(Gregório de Matos.)

Aliteração

É a repetição de fonemas consonantais idênticos ou semelhantes para sugerir acusticamente algum elemento, ato, fenômeno. Aparece como efeito estilístico em prosas poéticas ou poesias.

Exemplo:

“(...) Rato
Rato que rói a roupa
Que rói a rapa do rei do morro
Que rói a roda do carro
Que rói o carro, que rói o ferro
Que rói o barro, rói o morro
Rato que rói o rato
Ra-rato, ra-rato
Roto que ri do roto
Que rói o farrapo
Do esfarra-rapado
Que mete a ripa, arranca rabo
Rato ruim
Rato que rói a rosa
Rói o riso da moça
E ruma rua arriba
Em sua rota de rato (...)”.

(Chico Buarque.)

Onomatopeia

É uma figura de linguagem que busca reproduzir de forma aproximada palavras que representem um som natural.

Exemplo:

Passa, tempo, tic-tac
Tic-tac, passa, hora
Chega logo, tic-tac
Tic-tac, e vai-te embora
Passa, tempo
Bem depressa
Não atrasa
Não demora
Que já estou
Muito cansado
Já perdi
Toda a alegria
De fazer
Meu tic-tac
Dia e noite
Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Dia e noite
Noite e dia.

(Vinícius de Moraes.)

Exercícios

1. É carnaval.

E então chegava o Carnaval, registrando-se grandes comemorações ao Festival de Besteira. Em Goiânia o folião Cândido Teixeira de Lima brincava fantasiado de Papa Paulo VI e provava no salão que não é tão cândido assim, pois aproveitava o mote da marcha Máscara Negra e beijava tudo que era mulher que passasse dando sopa.

Um padre local, por volta da meia-noite, recebeu uma denúncia e foi para o baile, exigindo da Polícia que o Papa de araque fosse preso. Em seguida, declarou: “Brincar o Carnaval já é um pecado grave. Brincar fantasiado de Papa é uma blasfêmia terrível.”

O caso morreu aí e nunca mais se soube o que era mais blasfêmia: um cidadão se fantasiar de Papa ou o piedoso sacerdote encanar o Sumo Pontífice.

E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio. Há coisas inexplicáveis! Até hoje não se sabe por que foi durante o Carnaval que o Governo aumentou o dólar, fazendo muito rico ficar mais rico. E, porque o Ministro do Planejamento e seus cúmplices, aliás, digo, seus auxiliares, aumentaram o dólar e desvalorizaram o cruzeiro em pleno Carnaval, passaram a ser conhecidos por Acadêmicos do Cruzeiro - numa homenagem também aos salgueirenses que, no Carnaval de 1967, entraram pelo cano.

(PRETA, Stanislaw Ponte.FEBEAPÁ 2 - 2º- Festival de Besteira que Assola o País. 9ª- edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993, p. 32)

Observe o enunciado: **E enquanto todos pulavam no salão, o dólar pulava no câmbio.**

O verbo “pular” está empregado no primeiro caso no sentido denotativo; no segundo, o sentido é figurado. Também a palavra “dólar” é usada no sentido figurado. A figura de linguagem empregada no caso de “dólar” é

- (A) antítese, porque, no enunciado, há ideias contrárias relacionadas aos seres representados.
 - (B) eufemismo, porque, no enunciado, há ideias diminuídas relacionadas aos seres representados.
 - (C) prosopopeia, porque, no enunciado, há a personificação de seres inanimados.
 - (D) metonímia, porque, no enunciado, há relações de contiguidade entre os seres representados.
 - (E) onomatopeia, porque, no enunciado, imitam-se as vozes dos seres representados.
-

2. As cousas do mundo.

Neste mundo é mais rico o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa;
Com sua língua, ao nobre o vil decepa:
O velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa.

A flor baixa se inculca por tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa,
Mais isento se mostra o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

(Gregório de Matos Guerra, Seleção de Obras Poéticas.)

Em “Para a tropa do trapo vazo a tripa”, pode-se constatar que o poeta teve grande cuidado com a seleção e disposição das palavras que compõem a sonoridade do verso, para salientar certos fonemas que se repetem (principalmente os “pês” e os “tês”), utilizando, ao mesmo tempo, palavras que se diferenciam por mudanças fonéticas mínimas (tropa/trapo/tripa). Os recursos estilísticos empregados aí foram

- (A) personificação e alusão.
- (B) paralelismo e comparação.
- (C) aliteração e paronomásia.
- (D) assonância e preterição.
- (E) metáfora e metonímia.

- 3.** Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empecado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado toda a arte e a toda natureza? Boa razão é também essa. O estilo há de ser muito fácil e muito natural. Por isso Cristo comparou o pregar ao semear, porque o semear é uma arte que tem mais de natureza que de arte (...) Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se uma parte está branco, da outra há de estar negro (...) Como hão de ser as palavras? Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o estilo da pregação, muito distinto e muito claro.

(Sermão da Sexagésima, Pe. Antonio Vieira.)

* empecado: com obstáculo, com empecilho.

A repetição da expressão “um estilo tão” e o uso da expressão “xadrez de palavras” compõem respectivamente as figuras de linguagem:

- (A) anáfora e metáfora.
 - (B) polissíndeto e metonímia.
 - (C) pleonasma e anacoluto.
 - (D) metáfora e prosopopeia.
 - (E) antonomásia e catacrese.
-

4. Gripado, penso entre espirros em como a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas. Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe que disseminou pela Europa, além do vírus propriamente dito, dois vocábulos virais: o italiano influenza e o francês grippe. O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava “influência dos astros sobre os homens”. O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper*, isto é, “agarrar”. Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.

(RODRIGUES. S. Sobre palavras. Veja, São Paulo, 30 nov. 2011.)

Para se entender o trecho como uma unidade de sentido, é preciso que o leitor reconheça a ligação entre seus elementos. Nesse texto, a coesão é construída predominantemente pela retomada de um termo por outro e pelo uso da elipse. O fragmento do texto em que há coesão por elipse do sujeito é:

- (A) “[...] a palavra gripe nos chegou após uma série de contágios entre línguas.”
 - (B) “Partiu da Itália em 1743 a epidemia de gripe [...]”.
 - (C) “O primeiro era um termo derivado do latim medieval *influentia*, que significava ‘influência dos astros sobre os homens’.”
 - (D) “O segundo era apenas a forma nominal do verbo *gripper* [...]”.
 - (E) “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado.”
5. Em qual das opções há erro de identificação das figuras?
- (A) “Um dia hei de ir embora / Adormecer no derradeiro sono.” (eufemismo)
 - (B) “A neblina, roçando o chão, cicia, em prece. (prosopopeia)
 - (C) Já não são tão frequentes os passeios noturnos na violenta cidade Rio de Janeiro. (silepse de número)
 - (D) “Oh sonora audição colorida do aroma.” (sinestesia).
-

6. Sempre desconfie.

Sempre desconfie de narrativas de sonhos. Se já nos é difícil recordar o que vimos despertos e de olhos bem abertos, imagine-se o que não será das coisas que vimos dormindo e de olhos fechados... Com esse pouco que nos resta, fazemos reconstituições suspeitamente lógicas e pomos enredo, sem querer, nas ocasionais variações de um calidoscópio. Me lembro de que, quando menino, minha gente acusava-me de inventar os sonhos. O que me deixava indignado.

Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão.

Por outro lado, o que mais espantoso há nos sonhos é que não nos espantamos de nada. Sonhas, por exemplo, que estás a conversar com o tio Juca. De repente, te lembras de que ele já morreu. E daí? A conversa continua.

Com toda a naturalidade.

Já imaginaste que bom se pudesses manter essa imperturbável serenidade na vida propriamente dita?

(Mario Quintana, *A vaca e o hipogrifo*. São Paulo: Globo, 1995.)

Em “Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão”, o autor recorre a uma figura de construção, que está corretamente explicada em

- (A) silepse, por haver uma concordância verbal ideológica.
- (B) elipse, por haver a omissão do objeto direto.
- (C) anacoluto, por haver uma ruptura na estrutura sintática da frase.
- (D) pleonasma, por haver uma redundância proposital em “ambas as partes”.
- (E) hipérbato, por haver uma inversão da ordem natural e direta dos termos da oração.

7. Poética.

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao sr. diretor.

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário
o cunho vernáculo de um vocábulo.

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja
fora de si mesmo

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
exemplar com cem modelos de cartas e as diferentes
maneiras de agradar às mulheres, etc

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbedos

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos

O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(Manuel Bandeira, in: *Libertinagem*.)

A repetição de palavras no início do verso (“Estou farto”, “Todas”, “O lirismo”) e a omissão de termos subentendidos do verso anterior (“Político”) caracterizam respectivamente:

- (A) Anáfora e zeugma.
- (B) Hipérbole e hipérbato.
- (C) Catacrese e antonomásia.
- (D) Epístrofe e elipse.
- (E) Anacoluto e perífrase.

8. Pastora de nuvens, fui posta a serviço por uma campina tão desamparada que não principia nem também termina, e onde nunca é noite e nunca madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego, que olhais para o sol e encontrais direção. Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo. Eu, não.)

Esse trecho faz parte de um poema de Cecília Meireles, intitulado *Destino*, uma espécie de profissão de fé da autora. No último verso da 2ª- estrofe – Eu, não. – está presente a figura chamada de

- (A) ironia.
- (B) metáfora.
- (C) pleonasma.
- (D) sinestesia.
- (E) zeugma.

9. **O pavão vermelho.**

Ora, a alegria, este pavão vermelho,
está morando em meu quintal agora,
Vem pousar como um sol em meu joelho
quando é estridente em meu quintal a aurora.

Clarim de lacre, este pavão vermelho
sobrepuja os pavões que estão lá fora.
É uma festa de púrpura. E o assemelho
a uma chama do lábaro da aurora.

É o próprio doge a se mirar no espelho.
E a cor vermelha chega a ser sonora
neste pavão pomposo e de chavelho.

Pavões lilases possui outrora.
Depois que amei este pavão vermelho,
os meus outros pavões foram-se embora.

(COSTA, S. *Poesia completa: Sosígenes Costa*. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 2001.)

Na construção do soneto, as cores representam um recurso poético que configura uma imagem com a qual o eu lírico

- (A) revela a intenção de isolar-se em seu espaço.
 - (B) simboliza a beleza e o esplendor da natureza.
 - (C) experimenta a fusão de percepções sensoriais.
 - (D) metaforiza a conquista de sua plena realização.
 - (E) expressa uma visão de mundo mística e espiritualizada.
-

- 10.** O pleonasmo (do grego pleonasmós), que quer dizer abundância, excesso, amplificação) é uma repetição de unidades linguísticas idênticas do ponto de vista semântico, o que implica que a repetição é tautológica (redundante). No entanto, ela é uma extensão do enunciado com vistas a intensificar o sentido.

(José Luiz Fiorin. *Figuras de retórica*, 2014. Adaptado).

Verifica-se a ocorrência de pleonasmo em:

- (A) “fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia”.
 - (B) “eu avançava no batelão velho; remava cansado, com um resto de sono”.
 - (C) “ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida”.
 - (D) “A princípio a olhei com espanto, quase desgosto”.
 - (E) “Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus”.
-

Gabaritos

1. **C**
O termo “dólar” é inanimado e na oração apresenta capacidade de realizar ações humanas, “pular”.
 2. **C**
A aliteração é a repetição de sons consonantais iguais ou semelhantes e a paronomásia é a combinação de palavras com sons e grafias parecidas.
 3. **A**
A anáfora é uma figura de construção em que o termo ou expressão se repete no início de cada verso ou oração. Já a metáfora é uma figura de pensamento em que dois conceitos são aproximados de modo implícito, sem a utilização de um conectivo de valor comparativo.
 4. **E**
A elipse é uma figura de linguagem que se dá a partir da omissão de um termo em uma sentença. Na oração “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado”, a forma verbal “fizesse” alude ao termo “grippe”, que foi citado anteriormente no texto.
 5. **C**
(A) Adormecer no derradeiro sono -> eufemismo para “morte”;
(B) “Neblina” está sendo personificada; d) há mistura de sentidos (audição, visão, olfato).
 6. **A**
A ideia é de “nós” tínhamos razão. O verbo não concorda com o sujeito explícito, mas com a ideia da oração.
 7. **A**
A repetição de palavras ou expressões no início de frases ou versos (“Estou farto”, “Todas”, “O lirismo”) é uma figura de sintaxe chamada anáfora. Já a omissão de termos subentendidos presentes no texto é uma figura denominada zeugma.
 8. **E**
No último verso da segunda estrofe, há uma figura de linguagem conhecida como elipse, visto que há uma supressão do verbo “saber”.
 9. **D**
O eu lírico abre o poema apresentando a alegria como um pavão vermelho e, ao longo das estrofes, fará várias metáforas para indicar o esplendor desse animal/sentimento. Além disso, na última estrofe, ele fala de pavões lilases (representantes de outros sentimentos que não a alegria) que passaram por sua vida, mas foram embora após a chegada do vermelho.
 10. **C**
Os termos “adorasse” e “adoração” constituem unidades linguísticas idênticas do ponto de vista semântico, o que constitui um pleonasma.
-

